

OPINIÃO

A PROPÓSITO DA CANONIZAÇÃO DE S. JOSEMARÍA ESCRIVÁ

DEIXEMOS QUE DEUS FAÇA MARAVILHAS

CARDEAL JOSEPH RATZINGER

Na perspectiva da canonização de S. Josemaría Escrivá, o Cardeal Ratzinger tinha publicado em «L'Osservatore Romano», ed. port., 5-X-02, um artigo em que explica como o nome «Opus Dei» reflecte precisamente a consciência que o Fundador tinha de que era apenas um instrumento nas mãos de Deus. Ao celebrar-se no próximo dia 26 de Junho pela primeira vez a sua comemoração no Calendário universal, oferecemos essa reflexão.

Sempre me chamou a atenção o sentido que Josemaría Escrivá dava ao nome *Opus Dei*: uma interpretação que poderíamos chamar biográfica e que permite compreender o fundador na sua fisionomia espiritual. Escrivá sabia que devia fundar algo, e ao mesmo tempo estava convencido de que esse algo não era obra sua; ele não tinha inventado nada: simplesmente, o Senhor tinha-se servido dele e, por conseguinte, aquilo não era a sua obra, mas a *Obra de Deus*. Ele era somente um instrumento através do qual Deus tinha actuado.

Ao considerar esta atitude, vêm-me à mente as palavras do Senhor recolhidas no Evangelho de S. João 5, 17: «Meu Pai actua sempre». São palavras pronunciadas por Jesus durante uma discussão com alguns especialistas da religião que não queriam reconhecer que Deus pode trabalhar em dia de sábado. Um debate ainda aberto e actual, de certa maneira, entre os homens – também cristãos – do nosso tempo. Alguns pensam que Deus, depois da criação, se «retirou» e não mostra nenhum interesse pelas nossos assuntos de cada dia. Segundo este modo de pensar, Deus não poderia intervir no tecido da nossa vida quotidiana; contudo, nas palavras de Jesus Cristo, encontramos a resposta contrária. Um homem aberto à presença de Deus apercebe-se de

que Deus actua sempre e de que também actua hoje; por isso, devemos deixá-lo entrar e facilitar-lhe que actue em nós. É assim que nascem as coisas que abrem o futuro e renovam a humanidade.

Tudo isto nos ajuda a compreender por que é que Josemaría Escrivá não se considerava «fundador» de nada, e por que se via somente como um homem que quer cumprir uma vontade de Deus, secundar essa acção, a *Obra* – efectivamente – *de Deus*. Neste sentido, constitui para mim uma mensagem de grande importância o teocentrismo de Escrivá de Balaguer: está em coe-rência com as palavras de Jesus essa confiança em que Deus não se retirou do mundo, porque está actuando constantemente, e a nós corresponde somente colocar-nos à sua disposição, estar disponíveis, sendo capazes de responder à sua chamada. É uma mensagem que ajuda também a superar o que pode considerar-se como a grande tentação do nosso tempo: a pretensão de pensar que, depois do *big-bang*, Deus se retirou da história. A acção de Deus não «parou» no momento do *big-bang*, mas continua ao longo do tempo, quer no mundo da natureza quer no dos homens.

O fundador da *Obra* dizia: «Eu não inventei nada, é Outro quem fez tudo. Eu procurei estar disponível e servi-lo como instrumento». Esta palavra, e toda a realidade que chamamos *Opus Dei*, está profundamente entrelaçada com a vida interior do Fundador que, mesmo procurando ser muito discreto neste ponto, dá a entender que permanecia em diálogo constante, em contacto real com Aquele que nos criou e actua por nós e conosco. O livro do Êxodo (33, 11) diz de Moisés que Deus falava com ele «face a face, como um amigo fala com o amigo». Parece-me que, se de facto o véu da discricção esconde alguns pequenos sinais, há fundamento suficiente para poder aplicar muito bem a Josemaría Escrivá isso de «falar como um amigo fala com o amigo», que abre as portas do mundo para que Deus possa tornar-se presente, actuar e transformar tudo.

Nesta perspectiva compreende-se melhor o que significa santidade e vocação universal à santidade. Conhecendo um pouco a história dos santos, sabendo que nos processos de canonização se procura a virtude «heróica», podemos ter, quase inevitavelmente, um conceito equivocado da santidade, porque tendemos a pensar: «Isto não é para mim». «Eu não me sinto capaz de realizar virtudes heróicas». «É um ideal demasiado elevado para mim». Nesse caso, a santidade estaria reservada para alguns «grandes» dos quais vemos as suas imagens nos altares e que são muito diferentes de nós, pecadores normais. Teríamos uma ideia completamente equivocada da santidade, uma concepção errónea que já foi corrigida – e isto parece-me um ponto central – pelo próprio Josemaría Escrivá.

Virtude heróica não quer dizer que o santo seja uma espécie de «ginasta» da santidade, que realiza uns exercícios inacessíveis às pessoas normais. Quer dizer, pelo contrário, que na vida de um homem se revela a presença de Deus, e fica mais patente tudo o que o homem não é capaz de fazer por si mesmo. Talvez, no fundo, se trate de uma questão terminológica, porque o adjectivo «heróico» foi com frequência mal interpretado. Virtude heróica não significa exactamente que alguém faz grandes coisas por si mesmo, mas que na sua vida aparecem realidades que ele não fez, porque ele apenas esteve disponível para deixar que Deus actuasse. Por outras palavras, ser santo não é outra coisa senão falar com Deus como um amigo fala com o amigo. Isto é a santidade.

Ser santo não supõe ser superior aos outros; pelo contrário, o santo pode ser muito débil, e contar com numerosos erros na sua vida. A santidade é o contacto profundo com Deus: é fazer-se amigo de Deus, deixar actuar o Outro, o Único que pode fazer realmente que este mundo seja bom e feliz. Quando Josemaría Escrivá fala que todos os homens estamos chamados a ser santos, parece-me que, no fundo, está a referir-se à sua experiência pessoal, porque nunca fez por si mesmo coisas incríveis, mas limitou-se a deixar actuar Deus. Por isso, nasceu uma grande renovação, uma força de bem no mundo, mesmo que permaneçam presentes todas as debilidades humanas. Verdadeiramente, todos somos capazes, todos estamos chamados a abrir-nos a essa amizade com Deus, a não deixarmos as suas mãos, a não nos cansarmos de voltar e regressar ao Senhor, falando com Ele como se fala com um amigo, sabendo com certeza que o Senhor é o verdadeiro amigo de todos os que não são capazes de fazer por si mesmos coisas grandes.

Por tudo isto compreendi melhor a fisionomia do *Opus Dei*: a forte ligação que existe entre uma absoluta fidelidade à grande tradição da Igreja, à sua fé, com uma simplicidade que desarma, e a abertura incondicional a todos os desafios deste mundo, quer no âmbito académico, ou no trabalho corrente, na economia, etc. Quem tem esta vinculação com Deus, quem mantém um colóquio ininterrupto com Ele, pode atrever-se a responder a novos desafios, e não tem medo; porque, quem está nas mãos de Deus, cai sempre nas mãos de Deus. É assim que desaparece o medo e nasce a coragem de responder aos desafios do mundo de hoje.

© *by* Edições LICEL,CRL, Apartado 570, 4711-915 Braga